

O PROCESSO COGNITIVO DE MESCLAGEM DE VOZES NA INTERAÇÃO LINGÜÍSTICA EM PORTUGUÊS

VALERIA COELHO CHIAVEGATTO
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro-Brasil)

1. Introdução

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla que vem sendo desenvolvida pelos integrantes do Projeto Integrado de Pesquisa "O processo cognitivo de mesclagem" do *Grupo de Pesquisa Gramática e Cognição* (UERJ/UGF, UFJE, UFRJ).

Nosso objetivo é apresentar, sob o prisma sócio-cognitivo para análise da linguagem, alguns dos aspectos teóricos por meio dos quais estamos investigando correlações entre processos cognitivos e construções lingüísticas no português do Brasil. Enfocamos o processo de embutimento de "outras vozes" à voz do sujeito discursivo na construção de sua argumentação, em situações reais de comunicação.

Fundamentados especificamente na Teoria dos Espaços Mentais, tal como a propõem Fauconnier (1994,1996,1997), Turner (1996), Fauconnier e Sweetser (1996), Redecker e Sanders (1996), adotamos como fonte de dados os trechos em que a incorporação de outras vozes foi efetivada pelos sujeitos que detêm os turnos no Corpus Audio-Gravado do Projeto Prática Reflexiva - Pró-Leitura - coletado pela Universidade Federal de Juiz de Fora- MG (Brasil).

2. A expressão de perspectivas na argumentação

A motivação para a pesquisa que estamos apresentando surgiu quando analisamos o funcionamento dos "introdutores de espaços mentais" (os *space builders* de Fauconnier 1994) em relatos de opinião em português. Verificamos que tais textos expressam a perspectiva dos sujeitos acerca dos fatos, eventos ou

falas sobre os quais argumentam, empregando modalidades distintas para expressar suas opiniões, a saber:

1º - em perspectiva única - enunciados em que a argumentação é construída apenas sob a perspectiva do sujeito discursivo; e

2º - em perspectiva múltipla - enunciados em que "outras vozes" (ou perspectivas) são incorporadas à voz do sujeito discursivo para construção da opinião que expressam.

Nos textos que se constróem em perspectiva múltipla, observamos que, em língua portuguesa, há diferentes formas gramaticais disponíveis para que o sujeito do discurso incorpore "outras vozes" à sua voz. Estas se projetam na superfície dos enunciados sob a forma lingüística de "citações" que, ora se embutem na voz do sujeito com *introdutores de espaços mentais explícitos* - verbos dicendi, marcadores discursivos específicos de citações - ora *implícitos*, em que o reconhecimento dessa incorporação depende de inferências pragmáticas, processadas pelos interlocutores, na situação comunicativa em que os enunciados se atualizam.

Em qualquer dessas modalidades, processos cognitivos complexos se realizam pois, há o intercruzamento de informações arquivadas em *domínios cognitivos* diferenciados e a emergência de *espaços mentais* nos quais esses elementos se combinam, suscitando a construção de significados originais. À medida em que o resultado semântico do processo de entrelaçamento de vozes é um significado novo, embora herdeiro parcial das estruturas significativas com que os espaços de partidas das vozes que se intercruzam foram construídos, estamos, na perspectiva da teoria dos espaços mentais, diante de um *processo de mesclagem*.

A expressão "*processo cognitivo de mesclagem*" tem sido adotada em português para traduzir o que em Lingüística Cognitiva vem sendo denominado "*conceptual blending*": um espaço mental cujo significado que emerge é decorrente da transferência de informações entre, pelo menos, dois domínios conceptuais, engendrando, na nova situação comunicativa em que se inserem, um significado original.

Se vozes de dois sujeitos se intercruzam para ativar um significado novo na construção da argumentação de um dos sujeitos, as características e condições em que tal intercruzamento ocorre nos levam a crer que existe um processo de "mesclagem de vozes" pré-organizando as construções lingüísticas em que o recurso à fala de outros sujeitos é empregado para a estruturação da argumentação no discurso real.

À medida em que textos argumentativos expressam a perspectiva do sujeito discursivo acerca dos eventos que se representam nos enunciados construídos, se o sujeito discursivo é "o senhor das falas que embute na sua", tal sujeito opera sempre um processo de seleção ou filtragem das falas ou

informações produzidas por outro sujeito antes de embuti-las na sua própria fala. Tal processo é o que Redeker e Sanders (1996) denominam "perspectivização".

Diante do exposto, se há formas gramaticais distintas para atualização desse "embutimento" e estas são governadas pela "perspectiva" do sujeito do discurso, não podemos falar que nesse processo haja uma verdadeira "polifonia" (Bakhtin 1997/1959) - pois não são as outras vozes que se manifestam, mas sim um processo em que o sujeito discursivo "mescla" sua voz a outras vozes.

Através da seleção de informações efetuada pelo sujeito no discurso do outro para integrá-lo à sua voz, e, pela forma gramatical que escolhe para atualizá-la, a interpretação dos enunciados resultantes a ser efetivada pelos interlocutores passa a ser instruída pela combinação efetuada na mescla.

Constatamos que a modalidade formal escolhida para o embutimento da outra voz à voz de um sujeito discursivo funciona como guia epistêmico para as inferências a serem processadas pelos interlocutores. No processo de interpretação dos enunciados, a modalidade discursiva - ora no modo direto, indireto ou indireto livre - deixa transparecer, na superfície do discurso, o grau de adesão ou liberdade do sujeito discursivo para com o conteúdo dos significados que as "outras vozes", que incorpora às suas, expressam.

3. Estruturas conceptuais e sua representação

Na perspectiva teórica proposta nos trabalhos publicados por Fauconnier (1994), Fauconnier e Turner (1996) e Fauconnier e Sweetser (1996) e Fauconnier (1997), os significados são entendidos como construções mentais que se processam a partir de instruções fornecidas pelos sinais lingüísticos - as formas da língua.

Entendendo os diferentes níveis de estruturação da gramática como partes integrantes do conhecimento que os sujeitos têm arquivados na mente, partimos do pressuposto que as formas lingüísticas não são portadoras de significados, mas guias para a construção de significações em domínios mentais.

Assim considerando, entendemos que os enunciados produzidos ativam correlações entre formas lingüísticas e estruturas de conhecimentos, de diferentes naturezas, arquivados na mente dos indivíduos desde a mais tenra infância. Tais estruturas estão disponíveis na mente dos indivíduos - como arquivos cognitivos - a partir do compartilhamento de experiências físicas, psíquicas, sociais, culturais e lingüísticas vivenciadas pelos indivíduos, nas interações que se efetivam nas comunidades às quais se integram.

Tais conhecimentos são esquematicamente organizados por áreas ou domínios cognitivos, estruturados quer como "esquemas imagéticos" (Johnson 1981), "modelos cognitivos idealizados" (MCIs de Lakoff 97), "enquadres, scripts ou cenários" (Fillmore 1988). Essas estruturas compõem arquivos mentais permanentes de compactação de conhecimentos. Tais arquivos são acessados e

ativados por formas gramaticais ou inferências pragmáticas no processo de construção dos significados a que as formas lingüísticas remetem.

Além dessas estruturas permanentes para a construção dos significados, há estruturas provisórias - *os espaços mentais* - propostos por Fauconnier 1994. Esses espaços são estruturas transitórias de organização da representação do pensamento em uma forma lingüística e emergem na mente à medida em que pensamento e fala progridem.

Enquanto "arquivos de trabalho", espaços mentais emergem pré-organizando a estruturação lingüística e se desfazem, tal qual "bolhas de sabão no ar", tão logo a seqüência lingüística se atualize. Logo, espaços mentais são constructos teóricos através dos quais podemos representar (para descrever e explicar) o dinamismo da estruturação e instauração do processo de referenciação nas línguas naturais. Como tais, são localmente processados, dinamicamente estruturados e encadeados uns aos outros, formando uma teia de interligações através das quais nos movemos para compreendermos os significados que os enunciados veiculam.

Como um espaço pode gerar outros espaços a ele interligados, linhas imaginárias configuram os elos (*links*) que se estabelecem entre eles ou entre eles e os domínios cognitivos aos quais acessam ou às situações comunicativas às quais se integram. Como pré-figuram o dinamismo dos processos de produção e de interpretação dos enunciados lingüísticos, não são estruturas completamente prontas, mas sim, parcialmente configuradas por informações importadas de diferentes domínios ou da situação comunicativa na qual se inserem.

À medida em que espaços mentais são espaços de processamento de referenciação, a eles o sujeito pode adicionar, cancelar ou correlacionar elementos importados de outros espaços ou domínios, fenômeno que explica por que, a cada leitura, nova interpretação pode surgir ou mesmo, porque os falantes podem construir significados distintos a partir de uma mesma forma.

Fauconnier e Sweetser (1996:11) dizem que há uma complexa "rede de espaços" configurando os textos produzidos. O efeito produzido no processo de compreensão dos enunciados é o de nos "movermos" através das linhas que os entrelaçam, ativando "discursos expandidos".

Tais espaços caracterizam-se pela função que exercem na pré-organização dos enunciados como:

Espaço-base: o espaço em que se compactam: o *ego* (o sujeito discursivo); sua *perspectiva* acerca dos fatos que vai lingüisticamente representar e o *ponto-de-vista* que tem dos eventos a serem referenciadas. Portanto, no espaço-base vislumbramos a "visão" que o sujeito discursivo tem de seus interlocutores e da natureza da situação comunicativa instaurada.

Espaço-em-foco: o espaço que, gerado do espaço-base ou de outro espaço instaurado, concentra a informação relevante num dado momento de

desenvolvimento do discurso, ou seja, é posto em foco. Esses espaços, quase sempre emergentes a partir de introdutores de espaços-mentais que informam a sua natureza (de tempo, de lugar, de hipótese, de opinião, de crença, de dúvida, de citações, discursivos, etc) se sucedem nos enunciados e podem ser retomados e reativados no processo de construção do discurso.

No andamento do discurso, linhas imaginárias (*links*) interligam os espaços que emergem, conectados uns aos outros pela geração de espaços aparentados, entrando e saindo de foco no desenrolar do discurso, configurando uma rede dinâmica e localizada a cada ponto da situação comunicativa.

As estruturas conceptuais aqui descritas são formalizadas por Fauconnier (1994) e Fauconnier e Sweetser (1996) da seguinte maneira:

- domínios cognitivos: por retângulos nos quais se esquematizam os elementos que compõem as estruturas de conhecimentos arquivados na mente, quer como: modelos cognitivos idealizados (MCIs); esquemas imagéticos, estruturas de enquadres, scripts ou cenários.

- espaços mentais : por círculos nos quais se representam as informações que se compactam, provisória e localmente, para construção dos significados a que as formas lingüísticas remetem;

- linhas inter cruzando espaços ou interligando espaços a domínios - os "elos" (*links*) que configuram os processo de: acesso, identificação ou correspondência entre as partes e contrapartes que se instauram nos espaços emergentes.

4. O processo cognitivo de mesclagem de vozes

Entendemos por "voz" a expressão lingüística através da qual os pensamentos de um sujeito se manifestam em combinações de signos comunicáveis entre os que com ele compartilham do mesmo sistema lingüístico. Portanto, a fala de um sujeito expressa a sua visão (*vision*) sobre os eventos que lingüisticamente representa através da sua "voz" (*voice*). Assim, entendemos "voz" como manifestação ideológica do sujeito que a produz (Cf. Bakhtin 1997/1959). Portanto, não estamos conceituando voz de um ponto de vista acústico-articulatório, ou seja, como qualidade de ondas sonoras produzidos ou percebidos pelos humanos (Robins, 1981:105).

Em nossa abordagem, "voz" equivale à manifestação de uma "visão de mundo" dos sujeitos falantes acerca dos fatos ou eventos que lingüisticamente representam. Portanto, as vozes manifestas assumem, no discurso real, significados em função da "perspectiva" com que são apresentadas pelo sujeito que as produziu.

Assim considerando, partimos do pressuposto geral que os sujeitos produzem suas falas de um "*ponto-de-vista particular a respeito da realidade referenciada*", tal como expresso por Sanders e Redeker 1996:293¹. Logo, a

“realidade” que os enunciados instauram são “*construções epistêmicas e dinâmicas* dos sujeitos discursivos” como amplamente conceitua Langacker 1991.

À medida em que as falas emitidas estão intrinsecamente correlacionadas ao ponto de vista particular a partir do qual o sujeito representa seus pensamentos em linguagem, entendemos que “perspectiva” e “perspectivizar” assumem significados diferenciados, tal como Sanders e Redeker propõem:

Perspectiva é a introdução de um ponto de vista subjetivo que restringe a validade da informação a um sujeito particular (uma pessoa) no discurso. Um segmento de discurso é perspectivizado quando seu contexto relevante de interpretação é limitado por uma pessoa, embedido no espaço que contém a realidade do narrador (Sanders e Redeker, 1996:193)

Segundo os conceitos acima apresentados, no processo de integração de “outras vozes” à voz de um sujeito na construção de sua argumentação, estamos diante de um processo de *perspectivização*. Na aplicação que Sanders e Redeker fazem da teoria dos espaços mentais para análise da estruturação de perspectivas em narrativas, na medida em que o espaço que comporta o ponto de vista do sujeito discursivo é o espaço-base (EB1), quando “outras vozes” (opiniões expressos como falas ou pensamentos) são importadas para o enunciado de um sujeito (EGO 1), os espaço(s)-base (EB2, EB3, etc) nos quais as outras vozes estão configuradas se embutem no espaço-base matriz (EB1) do discurso produzido. Tal estruturação é representada como apresentamos a seguir:

EGO 1 < EB1 < EGO 2 (EGO2 < EB2)

Neste esquema temos:

EGO 1 : como sujeito discursivo que compõe o espaço-base matriz (EB1);

EB1 : espaço-base que comporta a perspectiva ou voz do sujeito discursivo;

EGO 2: o outro sujeito cuja perspectiva vem expressa a partir de EB2;

EB2 : espaço-base produzido pelo sujeito da “outra voz”, uma espécie de espaço-base secundário embutido na construção da perspectiva de EGO 1.

No caso de enunciados que possam ser configurados como na sentença esquemática acima representada, são postos em correlação elementos que compõem as duas perspectivas expressas em EB1 e EB2, sob a gerência de EGO1 (sujeito do discurso). A EGO1 cabe a filtragem dos elementos a serem incorporadas à construção da sua própria perspectiva, levando em conta os fatores que intenciona apresentar como elementos da construção da própria

argumentação e da natureza da interação sócio-comunicativa na qual o processo se inscreve.

Assim, se EGO 1 é o “senhor” das perspectivas que apresenta quando embute “outras vozes em seu discurso”, não é a configuração mental específica de EGO 2 que objetiva apresentar, mas sim, “utilizar-se” de parte de informações que as outras vozes carregam, para engendrar as significações que pretende sejam construídas ao embuti-las à sua própria voz.

No espaço mental que configura o enunciado resultante, não há uma “clonagem” da perspectiva expressa por EB2, mas a importação de elementos que EGO 1 considerou relevantes no discurso de EGO2 para “mesclar” às suas e, a partir disso, engendrar a construção de novos significados. Portanto, elementos dos dois espaços-base são postos em correlação. Alguns deles se conjugam, outros se excluem e outros, ainda, emergem das correlações novas que a “mesclagem” ativa. As informações que o novo espaço compacta acessam, pelo menos, dois domínios cognitivos diferenciados, levando em conta que emerge um outro espaço - o espaço genérico - que ativa homologias entre os elementos que se correspondem nos espaços de partida correlacionados (*input 1 e 2*).

Logo, o processo de mesclagem só ocorre quando existe um “espaço genérico” (EG) que interliga dois espaços anteriormente ativados. Este espaço genérico é acessível e comum a partir dos dois espaços de partida instaurados, permitindo que outros processos conceptuais (correspondências metafóricas, deslocamentos metonímicos, projeções analógicas ou desanalogias) se efetivem entre os elementos que compõem os dois espaços. Alguns dos elementos que compõem os dois espaços de partida são transferidos para um quarto espaço - o da mescla. É no espaço mesclado que os novos significados serão engendrados, embora herdando parcialmente os significados instaurados pelos espaços dos quais partiram.

Segundo Fauconnier (1996:194), a mesclagem (*blending*) é uma operação que pode explicar uma série de fenômenos lingüísticos e ajudar-nos a conhecer melhor a natureza das relações que existem entre construções lingüísticas e processos cognitivos. Entre as condições que devem ser satisfeitas para que um processo de mesclagem ocorra destaca:

1º - O mapeamento parcial das estruturas de parte e contrapartes dos espaços inter cruzados nos dois espaços de partida: *input1 e 2*;

2º - Um espaço genérico (EG), que se mapeia sobre cada um dos *inputs*, no qual se refletem as várias estruturas e organizações comuns entre os espaços de partida correlacionados. As estruturas que o compõem são, usualmente, mais abstratas e compartilhadas pelos espaços de partida, sendo definidas como centro dos espaços inter cruzados e mapeados entre si;

3º - O espaço da mescla, onde os espaços de partida (I1 e I2) são parcialmente projetados, tendo uma configuração distinta das estruturas proporcionadas pelos espaços dos quais partiu pois, espaços mesclados são:

- estruturas compósitas e originais pois, quando as projeções dos espaços de partida são tomadas no conjunto, engendram-se novas relações utilizáveis, relações estas que não existiam em separado nos espaços de partida;

- estruturas complementadas por conhecimentos anteriores, enquadres, modelos cognitivos idealizados e esquemas culturais que permitem projetar a estrutura compósita no interior da mescla. As transferências parciais de informações estruturadas nos espaços de partida passam a ser vistas como parte de um ampla estrutura auto-contida na mescla. O padrão na fonte mesclada pela herança parcial de estruturas é “completado” na estrutura mesclada emergente, originando um significado novo;

- após elaborada e complementada no EG, a estrutura da mescla pode, então, ser elaborada por um trabalho cognitivo desempenhado no interior da mescla, de acordo com sua própria estrutura e lógica emergente.

Diante das condições expostas por Fauconnier (1996) para que um processo cognitivo de mesclagem ocorra, acreditamos que no processo de embutimento de “outras vozes” à voz de um sujeito discursivo estamos diante de um tipo de mesclagem específico: o da visão subjetiva do sujeito discursivo (expressa na sua voz) que se mescla à visão da voz que importa para a sua. As diferentes modalidades através das quais o processo pode ocorrer estão relacionadas ao que, na construção do seu discurso, pretende focalizar.

O conceito de *focalização* que estamos adotando é importado da moderna narratologia. Foi introduzido por Genette 1980 para distingüir a experiência subjetiva de personagens em narrativas (cuja “visão” é apresentada pelo narrador), da voz que efetivamente se verbaliza nas histórias. “Visão”, nesta abordagem, assume o sentido de um sub-tipo de domínio epistêmico passível de ser verificado pelo que é dito pelo sujeito discursivo.

Para Genette 1980, há três tipos de focalização em narrativas:

- narrativas não-focalizadas, nas quais o narrador onisciente manifesta ter uma visão mais ampla do que a dos personagens que retrata ;

- narrativas com focalização interna, nas quais a narrativa vem restrita a um campo de visão particular da personagem e em que o narrador diz somente o que a personagem experiencia e crê;

- narrativas com focalização externa, em que o narrador diz somente o que acontece com dado personagem, sem narrar seus pensamentos.

Na medida em que o sujeito que importa outra voz para construir sua argumentação no discurso real o faz de seu “ponto-de-vista” e, portanto, a voz do outro é perspectivizada sob a sua gerência, o sujeito discursivo é o responsável pela escolha do modo de focalizar a voz do outro. Se considerarmos que Ball

(1990), ao refinar a tipologia de focalização proposta por Genette (1980), conclui que o narrador é sempre o focalizador, estamos, no discurso real, quando outras vozes são importadas para a construção da argumentação do sujeito discursivo, diante de processo análogo ao que se verifica em narrativas: a voz do outro pode ser focalizada de diferentes maneiras, pois o processo se faz a partir da visão do sujeito que gerencia o processo. Portanto, voz e visão se mesclam para construir novos significados no enunciado resultante.

Do ponto de vista da semântica lingüística, podemos traduzir o que Fillmore 1986 denomina de "frame" por "enquadre". Um enquadre significa então

"...os arranjos agregados à escolha de um predicador (relações temáticas ou gramaticais) são uma forma de relativizar os significados às cenas conceptuais por ele suscitados". (Salomão 1999:44)

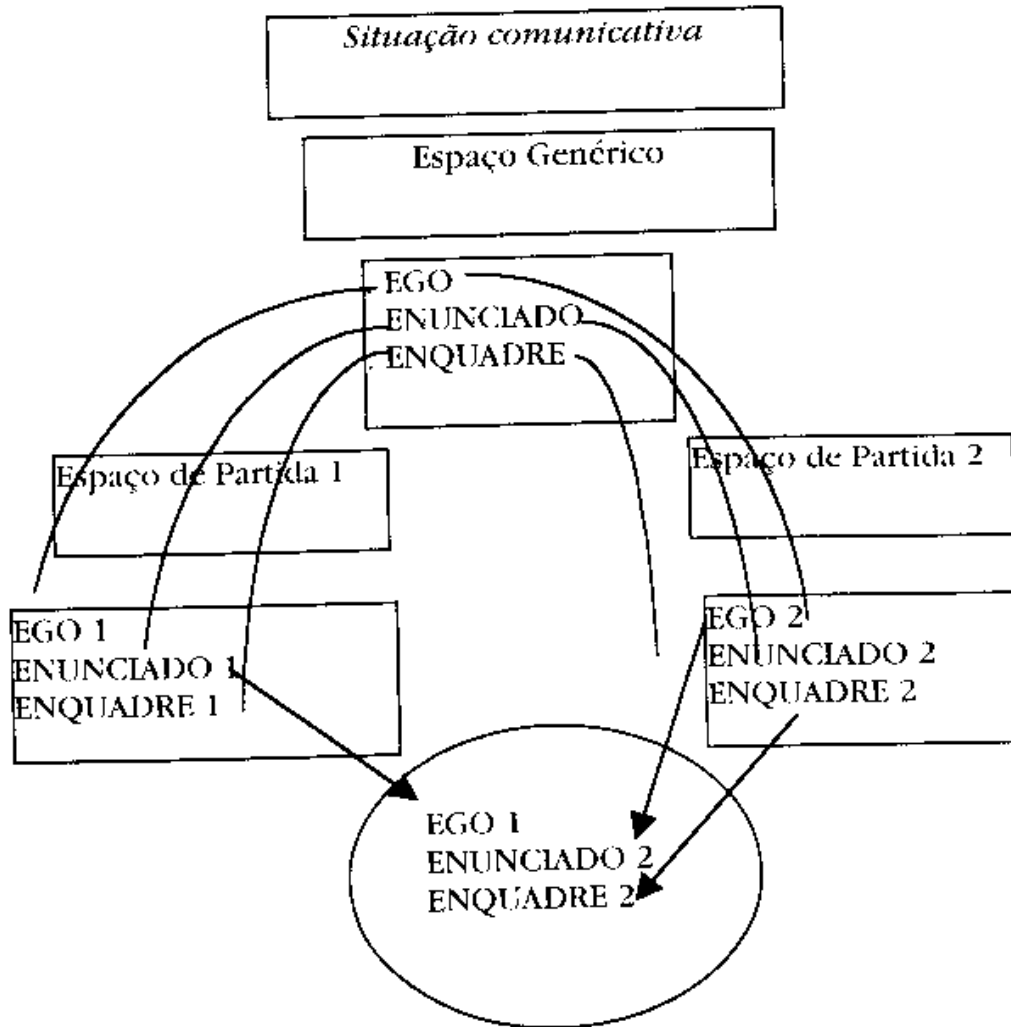
Nas vozes dos outros sujeitos, o sujeito discursivo empreende um recorte particular, selecionando os elementos que pretende focalizar. O enunciado resultante é, então, uma combinação entre vozes e visões dos dois sujeitos envolvidos, mas sob a gerência de um deles: o sujeito discursivo. A mescla é o espaço no qual os elementos importados das duas vozes são combinados para posterior projeção nos discursos.

Assim, teremos sempre postos em correspondência nos espaços que se combinam para a constituição da mescla: um EGO (o sujeito que emite a voz); o ENUNCIADO (o que efetivamente foi dito, manifestação, portanto, da voz de um sujeito determinado) e o ENQUADRE (o recorte efetuado pelo sujeito, a partir do seu ponto de vista da cena comunicativa em que a outra voz se atualizou).

Das condições previstas por Fauconnier e Sweetser (1996) para que uma mesclagem se realize, acreditamos que a mesclagem de vozes dependa:

- da existência de um espaço genérico que permita a homologia entre os domínios que são acessados pelos enunciados produzidos;
- dois espaços de partida, nos quais se embutem as perspectivas dos, pelo menos, dois sujeitos cujas vozes se emparelham: o da voz de EGO1 e o da voz de EGO2;
- transferências de elementos entre esses domínios e espaços para um quarto espaço, o da mescla.

Como em toda mesclagem, elementos dos espaços e domínios são transferidos para a mescla de voz. São esses elementos que produzem a herança parcial dos significados dos espaços de partida que caracterizam parcialmente o significado da mescla. O significado novo advém da combinação dos elementos importados e de sua complementação na nova situação comunicativa na qual se insere. Vejamos, como modelo das configurações das mesclagens de vozes, como uma mesclagem no modo direto pode ser formalmente representada:



Como podemos ver, EGOS, ENUNCIADOS e ENQUADRES são postos em correspondência. Elementos diferenciados são transferidos para a mescla. A configuração da mescla pré-organiza o modo de discurso através da qual a outra voz será mesclada à voz do sujeito.

No processo, somente um dos elementos importados dos espaços de partida será transferido para a mescla. A correlação entre o enunciado e o enquadre focalizados na mescla engendra um significado diferente dos estabelecidos nos espaços de partida. Somente a visão de um dos sujeitos é focalizada. E parece ser exatamente essa alternância de foco entre visões e vozes que ativa as inferências que processamos acerca das intenções e crenças dos sujeitos para com o conteúdo dos significados que as vozes permitem construir.

Assim, os exemplos podem atestar que, para cada modo de discurso escolhido para o embutimento da outra voz, a configuração da mesclagem será diferenciada, vejamos:

1. no modo direto: { EGO 1
ENUNCIADO 2
ENQUADRE 2

Ex. 1 - P.5 - *Eu fiquei tão triste / preocupada com isso/ falei assim: Meu Deus do céu, que absurdo! Mas onde que tá a mentalidade desses meninos...* (Ex. 31, p.53)

Ex 2 - *Jornalista sobre ACM: É assunto vencido!*

Como podemos ver, EGO1 - P5 e o Jornalista - se distanciam explicitamente da voz de EGO2 : há o verbo dicendi e a pausa (:) introduzindo a outra voz. A responsabilidade da visão apresentada fica restrita a EGO2 (ENQUADRE 2), sujeito da "outra voz". Tal modo é empregado como estratégia de proteção da face do sujeito discursivo: ele não se compromete com o conteúdo da voz que importa para a sua.

2. no modo indireto { EGO 1
ENUNC 2 < ENUNC 1
ENQ 1 < ENQ 2

Embora o ENUNCIADO 2 venha sintaticamente transformado para ser embutido no ENUNCIADO 1, é sob o ENQUADRE 1 - a visão do sujeito discursivo - que a outra voz é apresentada. Essa alternância de foco em elementos importados dos dois espaços de partida (1 e 2) produz a inferência de compartilhamento de responsabilidades pelo conteúdo do dito entre os dois sujeitos. Vejamos um exemplo:

Ex 3. *Como você falou/ daria idéia de homem do futuro que tem coisas...* (p.22/23)

O que EGO2 efectivamente falou foi: "Dá idéia de homem do futuro que tem coisas..." e não "daria idéia de..."

Como significado decorrente dos elementos importados para a mescla, temos a divisão de responsabilidades entre os sujeitos emparelhados. Logo, EGO1 se compromete parcialmente com a voz que importa para a sua.

Já no modo indirecto-livre, a mescla se configura como apresentamos a seguir:

3. no modo indirecto-livre

{	EGO 1 ENUNCIADO 1 < enunciado 2 ENQUADRE 1
---	---

Vejamos um exemplo:

Ex 4. *P1. Da mesma forma que nós trabalhamos com pista né/ eu acho que/ a partir do exemplo/ eles conseguem tirar alguma pista para poder construir o sentido desse texto/ o sentido desse tipo de texto.*

(.....) ((sete turnos depois sobre outros temas)

F - A P1 tá sugerindo que os alunos pincem os vários conceitos.

No modo indirecto-livre, o ENUNCIADO 2 é parafraseado por EGO1. Não há somente marcas sintáticas de transformação da voz do outro, mas há um enunciado novo - lexical e gramaticalmente- apresentando a visão de EGO2. Contudo, é sob o ENQUADRE 1 que é a visão de EGO 2 é apresentada. Assim, é com o foco nos elementos importados do espaço de partida 1 que o ENUNCIADO 2 é apresentado.

Em decorrência da combinação efetuada na mescla, produz-se a inferência do total comprometimento de EGO1 para com o conteúdo da voz que importa para a sua: é do ponto de vista do sujeito discursivo que a "outra voz" é apresentada, sob a forma de paráfrase. É, portanto, a paráfrase a verdadeira forma do discurso indirecto livre.

5. Conclusões

Acreditamos que, quando um sujeito embute outra voz na sua, não estamos diante de dois espaços-base como propuseram Sanders e Redeker (1996), mas sim, diante de um espaço mesclado instaurado pelo sujeito discursivo.

Se um espaço mesclado se caracteriza, exatamente, pela possibilidade de identificação da origem das vozes e visões que nele se compactam, os modos de discurso escolhidos para a mesclagem exercem diferentes "trabalhos de face" (Goffman 1974). Estes são empreendidos pelos sujeitos em relação ao conteúdo das vozes que importam para as suas pois, o que o sujeito discursivo tem como motivação para a importação da outra voz é o processo de construção da própria argumentação na interação sócio-comunicativa da qual participa.

Notas

1 Perspective is the introduction of a subjective point of view that restricts the validity of the presented information to a particular subject (person) in the discourse. A discourse

segment is perspectivized if its relevant context of interpretation is a person-bound, embedded space within the narrator's reality (Sander e Redeker 1996:293):

Referências bibliográficas

- ACHARD, Michel. "French modals and control speakers". In: GOLDBERG, Adele. *Conceptual structure, discourse and language*. Califórnia, CSLI Publications, 1996: 1-16.
- BAKHITIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- BROWN, Gillian e YULE, George. *Discourse Analysis*. Cambridge. Cambridge University Press, 1991.
- BROWN, P. e LEVINSON, S. C. "Universals in language usage: politeness phenomena. In: GODDY, E. N. (ed). *Questions of politeness*. Cambridge. Cambridge University Press, 1978.
- CHIAVEGATTO, Valeria e FERRARI, Lilian. "A motivação conceptual da gramática". *Matraga 8* (1º semestre). Rio de Janeiro, Deptº Cult-UERJ, 1997:63-78.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles & SWEETSER, Eve. "Cognitive links and domains: aspects of mental space theory. In: FAUCONNIER. & SWEETSER: *Spaces words and grammar*. Chicago, Chicago Press, 1996: 1 - 28.
- FAUCONNIER, Gilles & SWEETSER, Eve (eds). *Spaces worlds and grammar*. Chicago, University of Chicago Press, 1996.
- FAUCONNIER, Gilles e TURNER., Mark. "Blending as a central process of grammar." In: Goldberg, Adele (ed) *Conceptual structure discours and language*. Califórnia, CSLI Publications Stanford, 1996: 113-129)
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in Thought and language*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.
- FILLMORE, Charles J. *Frame semantics*. In: *Linguistic society of Corea (ed). Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982: 111-138.
- FILLMORE, Charles J. *Topics in lexical semantics*. In: P. COLE. (ED). *Current issues in linguistic theory*. Bloomington, Indiana Univesrity Press, 1977.
- GOFFMAN, Erwin. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. New York, Harper e Row, 1974.
- GOLDBERG, Adele (ed). *Conceptual structure discours and language*. Califórnia, CSLI Publications Stanford, 1996.
- GUMPERZ, J. & LEVINSON, S. C. *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge. Cambridge University Press, 1996.

- LAKOFF, George "The contemporary theory of metaphor". In: Ortony, Andrew (ed.) *Metaphor and thought*. 2ed. Cambridge, Cambridge University Press, 1993.
- LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things: What categories reveal about the mind*. Chicago, Chicago University Press, 1987.
- ONO, Tsuyushi & THOMPSON, Sandra. "The dynamic nature of conceptual structure building: evidence from conversation. In: GOLDBERG, 1996: 391-399.
- ORTONY, Andrew (ed.) (1993) *Metaphor and thought*. 2ed. Cambridge, Cambridge University Press.
- SALOMÃO, Margarida. "A perspectiva sócio-cognitiva para análise da linguagem". *Veredas*. VI. Juiz de Fora, Pós-Graduação do IFCL, 1998.
- SCHEGLOFF, Emanuel / OCHS, Elinor/ THOMPSON, Sandra (1996). "Introduction". In: Ochs, Elinor, Schegloff, Emanuel e Thompson, Sandra (eds.) (1996): *Interaction and grammar*, Cambridge, Cambridge University Press (1996: 01-51).
- SCHEGLOFF, Emanuel, OCHS, Elinor e THOMPSON, Sandra.. *Interaction and grammar*. Cambridge, Cambridge University Press (1996: 01-51)
- SVOROU, Soteria (1993): *The grammar of space*. Amsterdam, John Benjamins.
- SWEETSER, Eve (1990): *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge, Cambridge University Press.
- SWEETSER, Eve / FAUCONNIER, Gilles (1996): «Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory» em: Fauconnier, Gilles / Eve Sweetser (eds) (1996): *Spaces worlds and grammar*. Chicago, University of Chicago Press (1996: 01-27).